

# OPINIÃO SOCIALISTA



Nº589

De 6 a 19 de  
Maio de 2020  
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu\_oficial



## FORA BOLSONARO E MOURÃO

† MORTES POR COVID-19 NO BRASIL †



### “E daí?”

7.921

10.000

### “Não sou Coveiro.”

2.588

2.600

### “Está indo embora.”

1.230

1.500

### “Medinho.”

202

202

### “Gripezinha.”

11

50

### “Histeria.”

1

1

### “Fantasia.”

0

0

## INTERNACIONAL

**Líbano:** em plena pandemia, povo se revolta cotra a fome  
**Página 14**

## 13 DE MAIO

Liberdade do povo negro não veio com Isabel, mas com a luta  
**Páginas 4 e 5**

## EMBRAER

Emprego e soberania é com reestatização sob controle dos trabalhadores  
**Página 10**



**PDF INTERATIVO** - CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

# páginadois

## CHARGE



### Falou Besteira



“ Não vamos mais admitir interferência. Acabou a paciência. O povo está conosco, as Forças Armadas também estarão ao nosso lado.”

BOLSONARO, falando em tom de ameaça para uma dúzia de gados em frente ao Palácio do Planalto no dia 3/5/2020

De 04/05 a 15/05

### COMBO RAÇA E CLASSE

Libertação Negra e Socialismo + O Mito da Democracia Racial + África

De R\$ 78,00 por R\$ 39,00

EDITORA Sundermann

www.editorasundermann.com.br

## Weintraub quer que idosos morram

Em entrevista à Jovem Pan, o ministro da Educação Abraham Weintraub fez pouco caso da pandemia de COVID-19. O ministro pediu que prefeitos e governadores reabram as escolas públicas e privadas em todo o país. “Provavelmente vai morrer menos do que 40 mil do coronavírus, sendo que a maioria vai ser de idosos”, disse Weintraub aparentemente sem importar-se com essas pessoas. Em perfeita sintonia com o genocida Bolsonaro, seu chefe, a frieza do ministro quanto à letalidade do vírus é assombrosa, além de extrema irresponsabilidade e de total desrespeito à vida de mi-



lhões de professores e alunos Brasil afora. É um desrespeito macabro contra todo o povo brasileiro.

## Pão, Paz e Terra, documentário sobre a Revolução Russa, já está disponível

Filmado em Moscou, São Petersburgo, no coração da selva amazônica, na periferia de São Paulo, entre outras cidades, o documentário Pão, Paz e Terra não se limita a mostrar os vários momentos da Revolução Russa, mas faz uma ligação entre esse processo histórico e a realidade atual vivida pelas pessoas no capitalismo. A ligação é feita por dirigentes camponeses, sindicais, populares e dirigentes revolucionários (marxistas) de vários países. Numa época em que a humanidade está ameaçada pela pandemia e pelos governos capitalistas, este documentário mostra como é possível combater e derrotar o maior e mais mortal vírus de todos: o capitalismo. Realizado em 2017 para celebrar os



100 anos da Revolução Russa, o foi exibido em mais de 20 países. Agora, pela primeira vez, pode ser assistido pelo YouTube em vários idiomas (espanhol, português, inglês, francês e italiano).

CONFIRA AQUI A VERSÃO EM PORTUGUÊS.



CLIQUE NO QR CODE E ASSISTA O DOCUMENTÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA EM PORTUGUÊS.

## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Fabrício Last e Victor “Bud”

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

**WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

✉ [opinio@pstu.org.br](mailto:opinio@pstu.org.br)

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# Fora Bolsonaro e Mourão!

## Quarentena geral, já!

**E**nquanto fechávamos este jornal, o número de mortos chegava a 25 por hora, 600 por dia, 8 mil no total. Isso só os notificados. A escalada da pandemia e a flexibilização da quarentena já nos colocou em situação de colapso iminente do sistema de saúde em muitos estados. A única maneira de tentar evitar o colapso completo é fazendo uma quarentena geral.

Em tal situação, temos um presidente genocida que defende e estimula o fim de qualquer quarentena, inclusive a parcial e insuficiente que governadores e prefeitos adotaram. Bolsonaro promove desinformação, aglomerações e carreatas da morte. Como se não bastasse, quando o vírus entra em cheio na periferia, o governo dificulta o pagamento do auxílio emergencial de R\$ 600 aprovado no Congresso.

Justo quando a pandemia revela a desigualdade social que faz com que a taxa de letalidade seja dez vezes maior nas regiões mais pobres, que mostra que um negro tem 62% mais chances de morrer que um branco, segundo os dados da prefeitura de São Paulo, Bolsonaro aumenta a campanha contra a quarentena, não garante renda para que todos fiquem em casa e promove desemprego e diminuição dos salários.

O coronavírus não atinge a todos por igual. A falta de saneamento básico faz com que 35 milhões de brasileiros não tenham água tratada e 100 milhões não dispõem de coleta de esgoto. O Brasil é um país que está entre os dez mais ricos do mundo e consegue estar no 175º lugar em desigualdade. E justo quando a epidemia atinge em cheio os mais pobres, fábricas e governantes orientam a volta ao trabalho, fazendo da classe operária bucha de canhão para garantir lucros, colocando em risco as suas vidas e as de suas famílias.

Em defesa da vida, dos empregos, do salário e da renda, e também das liberdades democráticas, é preciso derrubar esse governo.

No seu lugar, deveriam estar os trabalhadores e o povo

igualitária, garantindo vida digna para todos.

Contudo, enquanto ainda não temos esse nosso governo, devemos lutar para botar para fora já Bolsonaro e Mourão e defender eleições gerais.

etc., da mesma maneira que o STF, representam banqueiros e empresários que estão preocupados com seus lucros e em tirar direitos dos trabalhadores mais do que com impedir atitudes ditatoriais e genocidas de

### FORA BOLSONARO E MOURÃO PARA VALER

Nesse sentido, o aval do PT para que CUT e demais centrais fizessem um ato de 1º de Maio com caráter de unidade nacional com representantes do Congresso, governadores, PSDB etc. é uma opção por ser apêndice do projeto de “unidade nacional” da centro-direita.

Nesse ato, Lula disse que o vírus ataca a todos de forma indistinta. Não é verdade. O vírus ataca muito mais a classe trabalhadora e os pobres. O verdadeiro grupo de risco não é mais determinado pela idade, mas pela classe social. Disse ainda que o capitalismo ficou nu, mostrando que quem sustenta o capitalismo somos nós trabalhadores e não o capital. Mas não disse que nós, trabalhadores, produzimos o capital, e que o capitalista se apropria dele. Por isso disse também que espera um mundo novo sem propor acabar com os capitalistas e o capital. Não tirou nenhuma conclusão nova, pois o mundo novo que o PT propõe é o passado dos seus governos, que, em 13 anos, nem sequer saneamento básico garantiu, porque a lógica foi governar em conciliação com os capitalistas.

Estamos a favor de fazer unidade de ação na luta com quem quer que seja para derrubar Bolsonaro. Mas se nisso a escolha também for por ser apêndice de Rodrigo Maia e Dias Toffoli, o “fora Bolsonaro” do PT corre o risco de ser mero slogan para não ficar mal com as janelas.

A necessidade é de uma ampla campanha de mobilização unificada, coordenada, mesmo com os limites da pandemia e as formas que garantam a quarentena, que possa dar voz e força à maioria que está contra esse governo. Do contrário, Bolsonaro continuará sentindo-se confiante para dobrar suas apostas e contraofensivas.



pobre no poder, auto-organizados em comitês populares. Um governo socialista dos trabalhadores. Enfim, uma democracia de verdade, e não essa falsa democracia dos ricos, muito menos uma ditadura como defende Bolsonaro. Um governo socialista dos trabalhadores, no qual os trabalhadores e o povo pobre controlem a produção e a distribuição da riqueza de forma

### POR UMA CAMPANHA DE MASSAS PELO “FORA BOLSONARO E MOURÃO!” EM DEFESA DA VIDA

Bolsonaro está mobilizando sua trupe a favor de um golpe. Ele já é minoria na população, embora mais de 25% ainda o apoie.

O principal problema hoje para enfrentar Bolsonaro, porém, é que os setores da oposição burguesa, como DEM, PSDB

Bolsonaro. Isso não quer dizer que não exista crise entre eles. Há e nós, da classe trabalhadora, devemos estar dispostos a fazer toda unidade de ação para botar esse governo para fora.

Porém não podemos ser a favor de fazer frente política com a burguesia e seus representantes, como faz o PT, para, em nome de suspostamente “salvar todo mundo”, jogar a crise nas nossas costas.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2YHGWE7](https://bit.ly/2YHGWE7)

13 DE MAIO

# Essa abolição não nos representa!

**SECRETARIA NACIONAL DE  
NEGRAS E NEGROS DO PSTU**

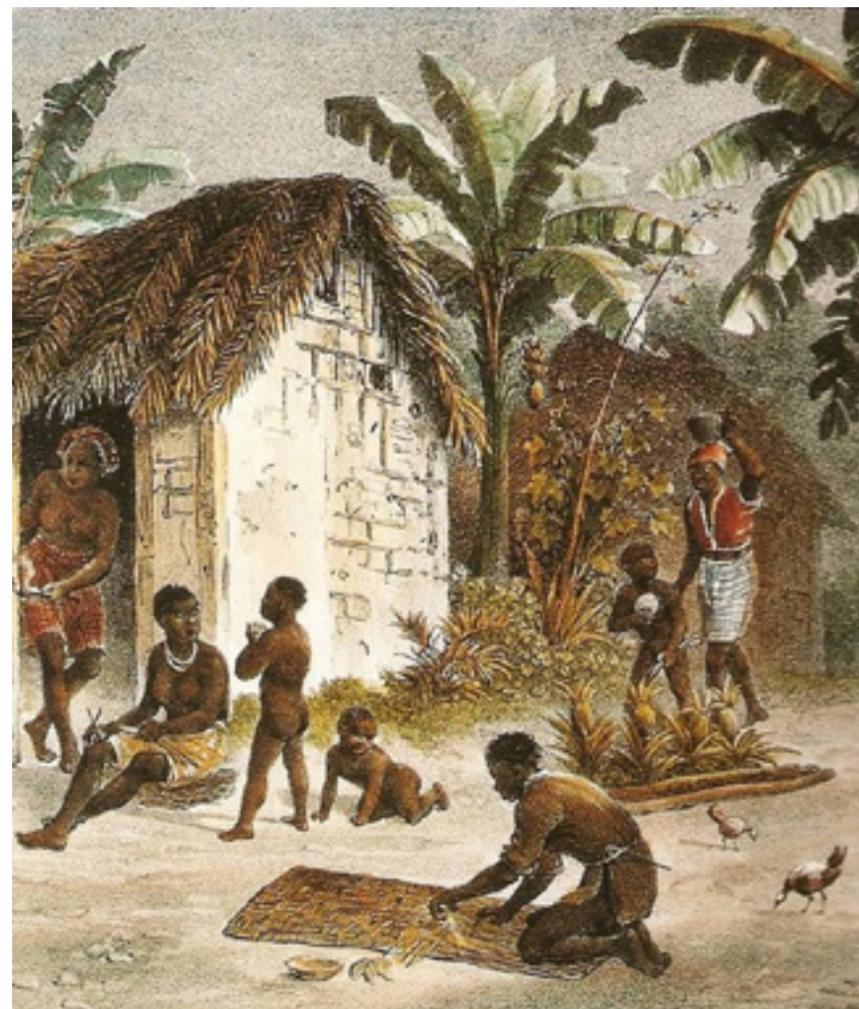
Nesse 13 de maio, completam-se 132 anos que a princesa Isabel decretou o fim da escravidão no Brasil. Esta data é usada para esconder a história de luta e resistência do povo negro por mais de 380 anos no Brasil. Também serve para tentar apagar o fato de que as classes dominantes aboliram a escravidão sem promover nenhuma política de reparações ao povo negro. A suposta “piedade” dessa princesa branca lhe rende dádivas até hoje, como, por exemplo, um pedido de sua beatificação ao

arcebispado do Rio de Janeiro em 2012.

A luta por liberdade e dignidade dos negros arrancados do continente africano e escravizados no Brasil acontecia desde sua captura, comercialização e venda de suas vidas ainda em suas aldeias, povoados, vilas e estados de origem. Resistiam dentro dos navios negreiros aos tratamentos desumanos, nos quais muitos não sobreviviam e outros se negavam a chegar vivos por aqui para virarem escravos. E ao desembarque dos sobreviventes, nossos antepassados superavam rivalidades tribais e

barreiras de idiomas para se organizarem contra a escravidão numa terra estranha.

Sem dúvida, os quilombos foram as maiores formas de enfrentamento à escravidão. O Quilombo de Palmares foi a nossa principal referência. Resistiu por quase um século, alcançando uma população de cerca de 30 mil habitantes. Teve como principais lideranças Aquatune, Ganga Zumba, Zumbi, Acotirene e Dandara. Os quilombos se contrapunham ao mundo dos engenhos de açúcar e ao sistema escravista. Palmares resistiu a 27 guerras impostas ao domínio português e holandês até ser dizimado em 1695.



**O RACISMO NÃO ACABOU**

## Uma abolição sem reparações

Imagine a seguinte situação: trabalhar por 40, 50 e até por 60 e 70 anos, de sol a sol, em lavouras de cana, nas profundezas de minas e nas casas grandes. Trabalhar debaixo de chibatadas e de todo tipo de castigo físico e psicológico que muitas vezes terminava em morte. Nesse trabalho, você é considerado uma coisa inferior a um animal. As mulheres eram vítimas de estupros e de todo tipo de violência.

Após quatro séculos de escravidão, não houve nenhum tipo de indenização a esses trabalhadores e a seus descendentes por todo esse sofrimento. Foi isso que a classe dominante fez com a abolição da escravidão em 1888.

A lei de 3.353, redigida pela Princesa Isabel, tinha apenas dois artigos: “Art. 1º: é declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil; Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.” Foi

uma lei que não garantiu absolutamente nada aos negros.

A abolição da escravidão não pôs fim ao racismo. Ao contrário, ao não vir acompanhada de nenhuma reparação, determinou que os negros continuassem tendo uma vida de miséria e racismo mesmo depois de extinta a escravidão.

### EXCLUSÃO

Negros e indígenas não tiveram acesso aos meios de produção, muito menos à terra. Em 1850, com a Lei de Terras, a classe dominante garantiu que as terras ficassem nas mãos dos grandes proprietários, impedindo os negros de possuírem terras próprias para morar e trabalhar.

Dois anos depois, Rui Barbosa, então ministro da Fazenda, mandou queimar toda a documentação de compra e venda de escravos que estava no Arquivo Nacional para impedir qualquer reparação ao povo negro. Contra esse crime do capitalismo, lutamos por reparações históricas ao povo negro.

### ENTENDENDO O PASSADO E O PRESENTE

É impossível compreender o presente de pobreza e miséria que vivemos sem olhar para esse passado. Como não houve uma política de reparações que garantisse terra e trabalho, os nossos antepassados foram obrigados a construir barracos nos morros das grandes cidades e palafitas em áreas de mangues. Como a classe dominante tentou “embranquecer” o país trazendo imigrantes europeus, deixaram os nossos antepassados às margens do trabalho assalariado no campo e nas fábricas, obrigando-os a viver fazendo “bicos” e trabalhos domésticos com baixos ganhos.

As práticas religiosas e culturais do nosso povo foram criminalizadas, e as escolas públicas e faculdades se fecharam para os negros.

É por isso que ainda hoje, passados 132 anos, os negros se encontram nas piores condições sociais e econômicas

quando comparados aos brancos. É por isso que o Brasil é um terreno propício para que a pandemia da COVID-19 faça um estrago maior do que nos outros países. A falta de trabalho e salário decentes impede que muitos trabalhadores negros possam ficar em quarentena. As moradias precárias, sem saneamento básico, impedem que negros e pobres adotem medidas de higiene capazes de impedir a contaminação pelo coronavírus.

Não por acaso, as primeiras vítimas da COVID-19, na Bahia e no Rio de Janeiro, foram duas empregadas domésticas que contraíram o vírus de suas patroas que retornaram da Europa. As empregadas domésticas morreram, e as patroas receberam alta e passam bem. Há inúmeros relatos, inclusive, de confinamento de empregadas domésticas em casas de famílias burguesas e de classe média, mostrando quão enraizado é o racismo e o machismo no capitalismo do século 21.



O CAPITALISMO É RACISTA

# A luta por reparações e pelo socialismo



O capitalismo foi o sistema que se alimentou da escravidão de milhões de negros e negras mundo afora. Como dizia Marx, sem o algodão plantado e colhido por mãos negras não haveria indústria têxtil na Europa e o sistema não teria avançado para o controle da economia mundial. Mesmo após o fim da escravidão negra, a burguesia e todos os seus governos trataram de alimentar o racismo para dividir os trabalhadores e pagar menores salários a negras e negros.

## MEDIDAS

A burguesia não vai oferecer reparação aos negros por este crime histórico do qual ainda hoje sentimos os efeitos.

Reparações históricas significam, dentre outras coisas: acabar com a concentração de terras nas mãos de um punhado de latifundiários e agroempresários, terras que foram doadas pelo Estado e/ou tomadas diretamente dos indígenas; garantir trabalho decente com salário igual para negros e brancos, acabando com o racismo no mercado de trabalho e com as terceirizações; garantir educação pública e gratuita para todo o povo negro; suspender o pagamento da dívida pública aos banqueiros, parasitas que lucraram no passado com o tráfico negreiro e agora lucram com a exploração dos trabalhadores.

Por isso exigimos reforma

agrária, salário igual para trabalho igual, saúde pública, moradias decentes, educação pública gratuita e políticas afirmativas.

## NÃO VIRÁ DA BURGUESIA

A burguesia brasileira jamais atenderá às nossas necessidades. Não dará terras, porque é da grilagem e do latifúndio que vem a sua riqueza. Não acabará com a terceirização nem combaterá o racismo porque essas são suas fontes de lucro. Não garantirá educação pública e de qualidade para todo o povo negro e para os trabalhadores, porque lucra ao nos manter na miséria e na ignorância e lucra com o ensino privado.

A reparação plena aos negros não veio com a abolição e não virá pelas mãos da burguesia. Terá de ser conquistada na luta, por uma revolução socialista. Uma revolução que arranque a terra das mãos dos latifundiários e as fábricas das mãos da burguesia.

## IRMANADOS NA LUTA

Nós do PSTU estamos entre os que consideram o “13 de maio” como uma data de denúncia de uma abolição que não aboliu nada. Nem o racismo nem as desigualdades sociais, econômicas e políticas. Para nós, é mais um dia de luta.

Nosso repúdio à ideia de uma “liberdade concedida” co-

meça por lembrar que, ainda nos “tumbeiros”, nossos ancestrais se fizeram “malungos”. Ultrapassaram suas diferenças étnicas e as barreiras linguísticas e passaram a adotar um termo originário da cultura kikongo (do sul da África, que significava originalmente “no barco”, “no navio”) para se identificarem entre si como “companheiros na travessia”.

Gente irmanada pelo mesmo desejo por liberdade, igualdade e justiça que aqui, na luta, fez-se quilombola. Uma luta que não se encerrou no “13 de maio” nem será encerrada até que tenhamos conquistado reparações históricas para o povo negro.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2W7PK6E](https://bit.ly/2w7pk6e)

**NACIONAL**

**CRISE**

# A crise política e a luta de classes

**MARIÚCHA FONTANA,**  
DA REDAÇÃO

Continua a escalada da crise política. O ato organizado pela direita bolsonarista em frente ao Palácio do Planalto no domingo, 2 de maio, mais uma vez contou com a participação do presidente, que fez um discurso golpista e disse ter o apoio das Forças Armadas e do povo. Povo, no caso, a minoria de extrema-direita que vai a estes atos, por sinal bem pequenos para sustentar um autogolpe, mas que ressoam seu discurso autoritário.

A escalada de polarização vem desde o pronunciamento negacionista de Bolsonaro chamando a pandemia de “gripezinha”, passando pelas carreatas da morte e pela demissão do ministro da Saúde, até a queda de uma das pernas do tripé que sustentava esse governo: Sérgio Moro e a base da Lava Jato. A queda de Moro foi um novo momento nesse processo, abrindo uma crise aguda no governo.

Empresários mais próximos ameaçaram romper. Especulou-se a saída de Paulo Guedes, e a ala militar apresentou um plano econômico apelidado de “PAC”, na contramão do projeto do “Posto Ipiranga”. Os próprios militares pareciam balançar ao vislumbrar o estrago na base do governo com a saída de Moro. A crise já havia obrigado o governo a lançar mão do velho centrão e do toma-lá-dá-cá, buscando uma base no Congresso Nacional para barrar um eventual processo de impeachment.

Mas a bola nesse momento está com o Judiciário: as investigações sobre as fake news e o financiamento dos atos pró-ditadura. Estas parecem estar chegando nos filhos de Bolsonaro e em mais de uma dezena de parlamentares e empresários bolsonaristas. Avançam ainda as investigações sobre Queiroz e



Intervenção política na PF é pra livrar sua família de milicianos da cadeia

as relações com as milícias. Daí a pressa em controlar a Polícia Federal.

**BALANÇA, MAS NÃO CAI**

Nos dias que se seguiram à queda de Sérgio Moro, o governo, mais isolado e enfraquecido, escorava-se em novo equilíbrio instável para contra-atacar. Seguindo Paulo Guedes, trouxe os empresários de volta; os militares o sustentaram. A oposição de centro-direita e também a oposição parlamentar descartaram impeachment. Bolsonaro dobrou aposta: nomeou um amigo do seu filho Carlos para chefiar a Polícia Federal, mas o STF suspendeu a nomeação. Ele, então, foi para cima mais uma vez. Compareceu a um novo ato em defesa da ditadura no qual, além do discurso golpista, houve agressões de bolsonaristas contra jornalistas.

A pandemia e a profunda crise econômica e social são o pano de fundo da crise do governo. Bolsonaro era um governo frágil e perigoso desde o início. Frágil porque ele e seu projeto não correspondiam à correlação de forças existente. Perigoso porque tomava uma parte importante do aparato de

Estado, a militarizava e a colocava a intervir para mudar a própria correlação de forças e o próprio regime. Ele já vinha com a popularidade em queda, vendo patinar as promessas de crescimento que brotariam do ultraliberalismo de Guedes. Contudo, a pandemia e a crise econômica e social tiraram seu chão.

O projeto Paulo Guedes não é mais aplicável na nova realidade. Desesperado para se manter competitivo em 2022 ou com capacidade para um autogolpe, o capitão cloroquina tenta disputar a narrativa da catástrofe. Não quer deixar o país parar, chama todo mundo a trabalhar e tenta jogar a culpa do desemprego nas costas de quem defende a quarentena.

Essa política genocida vem desgastando ainda mais Bolsonaro e irritando a maioria da população. Mas ele tem conseguido manter um certo patamar de apoio, mesmo que minoritário, compensando a base social que perde ganhando outro setor na base da desinformação, com as igrejas neopentecostais, inclusive com parte dos que estão recebendo os R\$ 600 que acreditam ser uma concessão do governo.

**ONDE ESTÁ?**

## Cadê a oposição?



Bolsonaro em ato do último dia 3 onde ameaçou com autogolpe

Há outro importante elemento segurando o governo: a inexistência de uma oposição mobilizada. É evidente que a pandemia limita ações. Porém os painelaços espontâneos, a oposição majoritária e a indignação crescente contra a situação e o governo permitiriam, mesmo hoje, uma forte campanha de massas e ações coordenadas que exigissem “Fora já Bolsonaro e Mourão”. Mas não há.

Do ponto de vista dos setores burgueses de oposição, a política é garantir a estabilidade do regime e a aplicação de medidas que joguem o grosso da crise sobre as costas dos trabalhadores. Os militares

estão na “unidade nacional” e na canoa do capitão. Parte do Executivo, com os representantes do Congresso, tendo os partidos de conciliação de classes e até as centrais sindicais como apêndice, buscam uma ação unificada. O 1º de Maio das maiores centrais demonstrou isso, com convidados como Maia, Alcolumbre, FHC e Witzel.

**FORA BOLSONARO E MOURÃO**

Precisamos entrar em campanha para colocar para fora já Bolsonaro e Mourão! Em defesa das nossas vidas: por quarentena geral, por emprego, renda e hospitais para todos.

## PANDEMIA

# E daí? Fora Bolsonaro e Mourão!

Enquanto valas coletivas são abertas, Bolsonaro debocha dos mortos pela COVID-19

**DA REDAÇÃO**

“E daí?” Essa foi a resposta de deboche e desprezo de Bolsonaro quando questionado sobre o que achava do fato de o país ter superado a marca das 5 mil mortes, ultrapassando o número de óbitos da China, primeiro epicentro da pandemia.

No momento em que fechávamos esta edição, a pandemia seguia sua escalada exponencial de mortes no Brasil, quase 8 mil vítimas notificadas. São 16 mortos por hora. Quando você estiver lendo este jornal, esse número já será muito maior que isso. Nas capitais, as mortes dobravam a cada cinco dias em média, e o vírus se alastrava rápido pelo interior.

Sem testagem, porém, os números com certeza são muito

maiores que os registrados. Um exemplo: um levantamento realizado pelo epidemiologista da USP Paulo Lotufo em certidões de óbitos nos cartórios mostra que, nas cinco cidades mais atingidas pela epidemia, o total de mortes aumentou 30% em comparação aos anos anteriores. Na data do fechamento desta pesquisa (25 de abril), o “excesso de mortes” superava em 173% o dos óbitos atribuídos à COVID-19. Isso indica que temos pelo menos mais que o dobro de mortes pela pandemia do que relatam as autoridades.

#### OS DESAPARECIDOS DA COVID-19

As evidências de subnotificação são fartas. A mais dramática prova da subnotificação, porém, é a cena das covas coletivas em Manaus, onde corpos estão sen-

do enterrados em valas comuns, ou dos corpos de vítimas da COVID-19 ao lado de doentes, também na capital do Amazonas. As cenas das valas em série abertas em São Paulo ou do corpo de um idoso abandonado no meio da rua em Olinda (PE), compartilhadas nas redes sociais, também atestam que a realidade é muito pior do que as autoridades informam.

Sem medidas efetivas de combate à pandemia e com Bolsonaro incentivando as pessoas a irem para as ruas, o Brasil caminha a passos largos para se tornar o novo epicentro da pandemia, com a maior taxa de infecção do planeta (veja o quadro), uma pilha cada vez maior de mortos e uma subnotificação em larga escala que está criando



o que muitos já chamam de os “novos desaparecidos”, a exemplo do que ocorreu na ditadura com os perseguidos políticos.

Tirar Bolsonaro, Mourão e

sua corja de lá é, há muito tempo, questão de vida ou morte.

LEIA NO SITE:

[HTTPS://BIT.LY/2SERSW3](https://bit.ly/2SERSW3)

#### MAIS ALTA TAXA DE INFECÇÃO DO MUNDO

Segundo estudo do Imperial College de Londres, o Brasil tem a maior taxa de transmissão de COVID-19 entre 48 países analisados. Aqui, cada infectado transmite para cerca de 3 outras pessoas; 10 infectam 28, que infectam outras 78, e assim por diante. Autoridades de saúde só aconselham o início de medidas de relaxamento da quarentena quando esse número é abaixo de 1.

<b>Brasil – 2,81</b>	
<b>Irlanda – 2,23</b>	
<b>México – 1,95</b>	
<b>Polônia – 1,78</b>	
<b>Peru – 1,55</b>	

#### O RETRATO DA SUBNOTIFICAÇÃO DA COVID-19



Internações por problemas respiratórios aumentaram 4 vezes no Brasil.



Mortes por problemas respiratórios cresceram 1.035% em 2020.



Explodiu o número de enterros em abril nas regiões mais atingidas pela pandemia; 161% em Manaus; 18% em São Paulo.

#### CRIMINOSO

## Política genocida de Bolsonaro pode provocar 1 milhão de mortes



Enquanto a saúde pública caminha para o colapso, Bolsonaro reafirma sua política de deixar correr o vírus. “Setenta por cento da população vai ser infectada, não adianta querer correr disso”, defendeu o presidente no dia 20 de abril. O que significaria, em número de mortos, isso que afirma Bolsonaro?

O biólogo e divulgador científico Átila Iamarino fez as contas tomando como base os dados mais consolidados que se tem hoje da pandemia, em Nova Iorque. Lá, por conta da alta taxa de infecção e do

número de testes realizados, foi possível estabelecer uma taxa de mortalidade mais próxima da realidade. Do número de doentes que morreram e foram efetivamente testados, chega-se a uma taxa de 0,7%.

As pessoas que seguem o que defende Bolsonaro e acham que todo mundo deve se expor para chegarmos ao que se chama de “imunidade de rebanho”, ou seja, o patamar em que já não há mais quem infectar e, por isso, a pandemia supostamente se debela (os tais 70% da população), estão defendendo, na prática,

que 149 milhões de brasileiros fiquem doentes. É preciso considerar que não há qualquer comprovação científica de que essa “imunidade de rebanho” funciona para o novo coronavírus, e, mesmo considerando que funcionasse, sob uma ótica muito otimista, morreriam mais de 1 milhão de pessoas.

Esse é o preço que Bolsonaro quer que o povo pague para que a “economia” volte a funcionar ou, melhor dizendo, para que as grandes empresas e os bancos não percam mais dinheiro e continuem a faturar.

## POLÍTICA GENOCIDA

# Relaxamento da quarentena faz explodir casos e mortes

Várias regiões do país adotaram medidas de distanciamento social relativamente cedo, ainda que bastante insuficientes, com governadores e prefeitos pressionados pelo alto índice de acei-

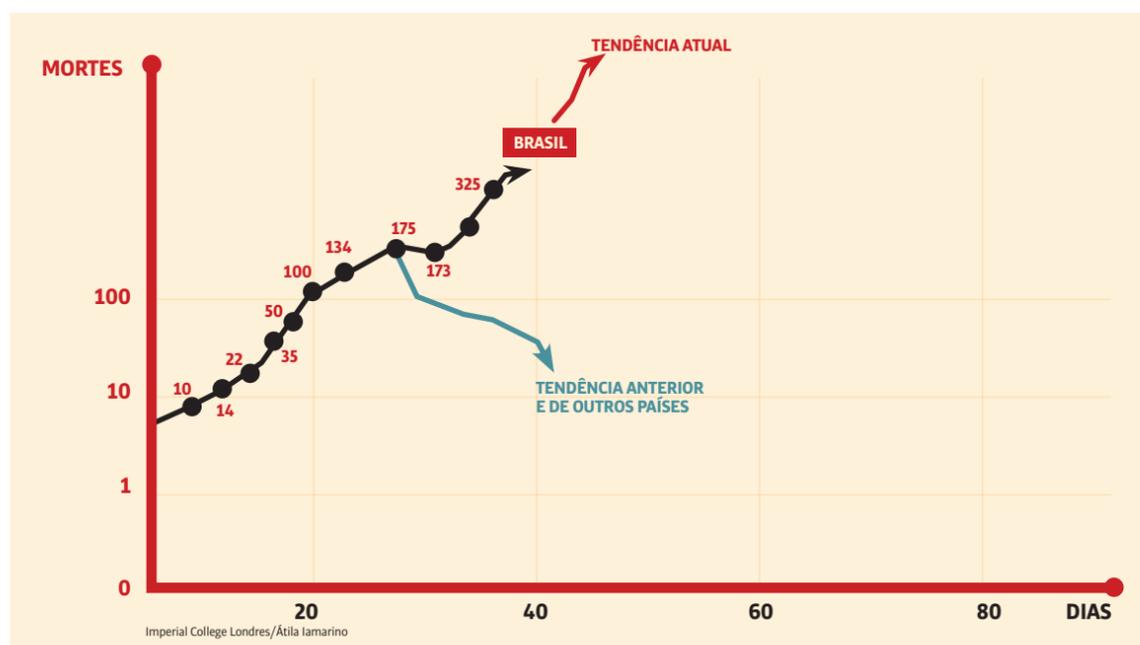
ção a essas medidas. Foi o que impediu que a rede pública e privada de saúde entrasse em total colapso como o então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, havia previsto que ocorreria no final de abril. O

resultado foi que, até o meio de abril, a curva de mortes do Brasil seguiu menor que a observada em países como Itália, EUA e Espanha.

De meados de abril em diante, porém, sem os governos ga-

rantirem condições mínimas para os mais pobres ficarem em casa e com Bolsonaro dia após dia mandando as pessoas saírem às ruas, as medidas de distanciamento social foram se perdendo. Como o período de incubação do novo coronavírus se dá entre uma e duas semanas, estamos sofrendo agora os efeitos dessa política genocida.

da em maio, toda a rede de UTI do SUS deve entrar em colapso, mantida a atual taxa de infecção. Embora atenda 75% dos brasileiros, o SUS conta com 1,4 leito de UTI para cada 10 mil habitantes. Já a rede privada, que tem 4,9 leitos para cada 10 mil, deve lotar em junho.



## COLAPSO DO SISTEMA DE SAÚDE NOS ESTADOS

A dramática situação do Amazonas, com o colapso do sistema público de saúde, alastra-se para outros estados, como Maranhão, Ceará, Pará, Pernambuco e Rio de Janeiro (leia a entrevista abaixo). Enquanto fechávamos esta edição, a taxa de ocupação de UTI na Grande São Paulo era de 81%.

Uma projeção realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) aponta que, ain-



Retrato do Colapso da saúde em Belém.

## ENTREVISTA

## “Tem gente morrendo nas unidades de emergência, sem respirador”

O Opinião Socialista conversou com Gustavo Treistman, militante do PSTU e médico da rede pública do Rio de Janeiro, que nos contou um pouco da realidade da pandemia no estado.

### OPINIÃO SOCIALISTA – O SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE DO RIO ESTÁ EM COLAPSO?

**Gustavo Treistman** – Todos nós que trabalhamos na ponta, no atendimento à população no serviço público, já sabemos que está em colapso. Nós temos hoje uma fila de espera para leitos de UTI de quase 400 pessoas, que estão internadas em unidades de urgência aguardando surgir uma vaga de UTI. Temos cerca de 30 UPAs [Unidade de Pronto Atendimento] e emergências no Rio de portas fechadas porque não têm como receber pacientes porque já estão lotadas. Nós temos pacientes morrendo nas unidades, sem acesso ao respirador.

### EXISTEM LEITOS NOS HOSPITAIS PRIVADOS? NÃO DEVIAM ATENDER TODA A POPULAÇÃO?

**Gustavo** – Essa informação nós temos muita dificuldade de ter, porque, pelo fato de o sistema não ser integrado, os hospitais particulares não necessariamente passam todas as informações para o Estado. Um dado que a gente tinha, que o Estado divulgou no último dia 30, é que existiriam 420 leitos disponíveis na rede privada. Mas na verdade esse número é maior, porque esse número se refere aos leitos de UTI geral, existem alguns leitos como de UTI coronariana que poderiam ser convertidos em leitos gerais para a pandemia ou leitos de UTI pediátrica.

### QUAL A SITUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE?

**Gustavo** – Até o dia 2 de maio, 35 profissionais de saúde faleceram aqui de COVID-19. Mas esses números são muito maiores, porque na maioria das vezes os que morreram ou não fizeram o teste ou fizeram o teste e ele não saiu a tempo e não entra nas estatísticas. Isso muito se deve à falta de EPI. Nós temos equipamentos que são inadequados, então, por exemplo, o capote que é o avental que nós usamos, ele é muito mais fino do que deveria ser, é totalmente permeável, só cobre o tronco e muitas vezes não cobre as pernas. Nós temos máscaras inadequadas. E temos um racionamento de material muito grande. Então, você entra num plantão, coloca

o avental, o certo seria, quando você sair da sala do plantão, jogar o avental fora, e quando voltar, colocar um novo. Mas não podemos fazer isso. Quando você reutiliza, você está reutilizando um material já contaminado que deveria ter ido para o lixo. Para além disso, há um desrespeito total com os profissionais. Além do atraso nos salários, a prefeitura obriga os profissionais dos grupos de risco, como os acima dos 60 anos e com comorbidades, a trabalharem.

### COMO ESTÁ A SITUAÇÃO NA CIDADE?

**Gustavo** – A COVID começou aqui pelos bairros de classe média, que chegaram de viagem e tal, mas hoje temos uma distri-

buição mais universal. Entre os dez bairros com maior número de casos, encontramos Campo Grande, Bangu, Realengo, bairros populares aqui da Zona Oeste, mais periféricos. Agora, a grande diferença está na letalidade. Sabemos, por exemplo, que nos bairros como Leblon, Botafogo, há uma letalidade de 5%, ou seja, de cada 100 casos confirmados, cinco vão a óbito. Em Realengo, Bangu, Santa Cruz, essa letalidade passa de 20%. Essa letalidade mostra realmente que a pandemia atinge com mais força os mais pobres, que não têm acesso a hospitais de qualidade, leitos de UTI, respiradores.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/3B906XR](https://bit.ly/3B906XR)

## MEDIDAS

# QUARENTENA TOTAL JÁ!



## Garantia de estabilidade, emprego e renda para que todos possam ficar em casa

Para evitar uma matança como quer Bolsonaro, não há outra medida no momento que não seja a paralisação imediata de todos os setores não essenciais. Sem uma quarentena de verdade, vai ocorrer um genocídio. Em Passo Fundo (RS), uma unidade da JBS se tornou um foco de infecção, ameaçando milhares de trabalhadores, num caso escondido de propósito pelas autoridades por semanas. Já no Amazonas, região mais castigada pela pandemia, 50 mil trabalhadores retornavam às atividades enquanto fechávamos esta edição e outros 35 mil se preparavam para voltar nas próximas semanas. São operários mandados para a morte para garantir os lucros das grandes empresas.

É preciso parar tudo já, proibir as demissões e mandar os trabalhadores para casa. Para os desempregados e informais, é preciso garantir renda para que não tenham de sair às ruas.



## Bolsonaro, pague os R\$ 600 já!

Enquanto fechávamos esta edição, 30 milhões de brasileiros ainda não haviam recebido a ajuda insuficiente de R\$ 600. Eram pelo

menos 11,2 milhões que, embora já autorizados, não haviam recebido a primeira parcela do auxílio, e outros 18,8 milhões ainda esperavam análise.

Isso sem falar na humilhação e no risco que as pessoas sofrem ao ir à agência da Caixa para tentar receber esse direito. Inúmeras pessoas madrugam nas filas e se submetem a aglomerações.

É preciso garantir o pagamento imediato desse auxílio e aumentar essa ajuda para um valor que, no mínimo, garanta a sobrevivência de desempregados e informais, um valor de 2,5 salários mínimos.



## Estatização da rede privada e lista única de leitos de UTI

O novo coronavírus está se espalhando rápido por periferias e bairros pobres. Na capital paulista, por exemplo, enquanto há vagas ociosas na rede privada, os hospitais públicos que atendem as periferias já estão com leitos de UTI abarrotados.

É preciso colocar imediatamente todos os leitos hospitalares da rede privada a serviço do SUS, com uma lista centralizada de leitos.

É preciso também abrir os hospitais militares para o povo!



## Construção de novos leitos de UTI e reconversão de fábricas para produção de respiradores

Diante da realidade atual, é preciso garantir a construção de novos leitos hospitalares, principalmente de UTI, e os equipamentos necessários como respiradores, reconvertendo a produção das fábricas para isso já. É preciso garantir testagem em massa, principalmente para as periferias.



## Distribuição massiva de máscaras e álcool em gel para a população

É preciso garantir a distribuição de materiais de proteção, prevenção e higienização à população, com a reconversão de indústria para a fabricação de máscaras e álcool em gel.



## Proibição de despejos e confisco dos imóveis vazios para sem-teto

É um crime que em plena pandemia a polícia esteja realizando ações de reintegração de posse contra o setor mais vulnerável à COVID-19. É preciso proibir as ações de despejo, confiscar os imóveis vazios e hotéis para garantir o direito à moradia e à sobrevivência da população sem teto.

## É DELES

# Que os ricos paguem a conta da crise



Homem agoniza em chão de hospital em Belém

Enquanto os hospitais se abarrotam de doentes e milhões sofrem com o coronavírus ou com a fome, os bancos continuam lucrando bilhões. Só no primeiro trimestre, o Itaú lucrou quase R\$ 4 bilhões. É o mesmo banco que faz uma campanha massiva afirmando que doou R\$ 1 bilhão para o combate à pandemia. Só de lucro líquido no ano passado, o Itaú lucrou R\$ 26 bilhões.

O governo Bolsonaro, por sua vez, ao mesmo tempo em que segura os R\$ 600 dos po-

bres, já deu R\$ 1,2 trilhão aos bancos, e agora anunciou mais isenções aos banqueiros. Um verdadeiro escândalo.



## Confisco dos lucros dos bancos e estatização do sistema financeiro

É preciso confiscar os lucros bilionários dos banqueiros e financiar a rede pública de Saúde com esse dinheiro; estatizar o sistema financeiro sob controle dos trabalhadores; e proibir a remessa de lucros e de dólares das multi-

nacionais e de especuladores.



## Taxação das grandes fortunas

É preciso que os ricos paguem impostos sobre suas fortunas, e não só os pobres e a classe média como é hoje.



## Suspensão da falsa dívida

É preciso parar essa sanção e usar as reservas internacionais (mais de US\$ 360 bilhões) para investimento social e em obras públicas.

## OPERÁRIOS E POVO POBRE NO PODER!



Cartaz do PSTU exigindo teste geral na periferia

# Auto-organização dos trabalhadores e dos setores populares

A solidariedade entre os de baixo, como já está acontecendo, é fundamental. É preciso fazer avançar a consciência e a nossa organização para defender a vida e a soberania do país e controlar

a produção e a distribuição do que necessitamos, rumo à construção de comitês populares e de um governo socialista dos trabalhadores que governe por conselhos populares.

EMBRAER

# Emprego e soberania só com reestatização e controle dos trabalhadores

**ANA CRISTINA SILVA,**  
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

O anúncio da Boeing sobre a desistência de comprar a área de aviação comercial da Embraer, no último dia 25 de abril, caiu como uma bomba no cenário político e econômico, nacional e internacional. A reviravolta ocorreu após quase dois anos de negociações entre as empresas e quando já se considerava a transação como concretizada.

Os problemas enfrentados pela Boeing, como o fracasso de vendas do seu modelo 737 Max, e o aprofundamento da crise econômica mundial em razão da pandemia explicam o rompimento unilateral do acordo. Contudo, o negócio representava um desastre para os trabalhadores e o país desde o início. A fabricante brasileira perderia o filé mignon de suas atividades, que é a área comercial, e deteria apenas 20% da nova empresa que seria criada pela Boeing.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região, junto com outros sindicatos, organizações e especialistas do setor, denunciaram que a venda era um crime de lesa-pátria, que geraria milhares de demissões e acabaria com o po-

tencial tecnológico da Embraer.

“Ao contrário de ser a salvação da empresa como alegavam, na prática seria a desnacionalização completa da fabricante brasileira, num avanço ainda maior do processo de recolonização do país e de perda de soberania a serviço dos interesses dos Estados Unidos”, resume Toninho Ferreira, presidente do PSTU de São José dos Campos, que já dirigiu o sindicato da categoria e foi funcionário da Embraer.

## REESTATIZAÇÃO E NACIONALIZAÇÃO DA EMBRAER

O fim do acordo com a Boeing abriu um debate sobre o futuro da empresa. O governo de Bolsonaro e Mourão se negou a usar a chamada ação Golden Share, que poderia ter vetado a transação com a Boeing. Agora, após o fracasso da negociação, tem declarado que busca outros parceiros internacionais para a aquisição da empresa. Mais uma demonstração de que esse governo é incapaz de defender os interesses dos trabalhadores e do país.

Já há alguns anos que as ações da Embraer são negociadas nas bolsas de valores, como a de São Paulo e de Nova Iorque. A maioria está nas mãos de



grandes fundos de investimento e bancos dos Estados Unidos, como Brandes Investment Partners (15%), Mondrian (10%), BlackRock (5%), J. P. Morgan, Morgan Stanley, Credit Suisse, entre outros.

São os interesses dos acionistas estrangeiros que vêm ditando as decisões da empresa, que avançam cada vez mais para sua desnacionalização e sua transformação em mera mon-

tadora de componentes, pois visam apenas o lucro rápido e fácil, como seria a venda para a Boeing. Tudo, porém, financiado com dinheiro público.

Toninho destacou que a empresa, mesmo depois de ter sido privatizada, é estratégica e deve ser encarada como um patrimônio nacional. Apenas nove países no mundo dominam essa tecnologia.

“A Embraer é uma das maio-

res empresas de aviação do mundo, detém tecnologia de ponta e cumpre um papel estratégico para o país. Foi construída com o trabalho e o dinheiro do povo brasileiro e, mesmo depois de privatizada em 1994, seguiu sendo financiada pelo dinheiro público através de financiamentos do BNDES. Foram mais de US\$ 14 bilhões entre 1997 e 2014”, informou.

## REESTATIZAÇÃO

# Sob controle dos trabalhadores

Segundo Toninho Ferreira, presidente do PSTU de São José dos Campos (SP), é hora de discutir não só a reestatização da Embraer, mas o controle dos trabalhadores. “O repasse de mais dinheiro público, sem a completa estatização, somente vai garantir os lucros de acionistas estrangeiros. Enquanto a Embraer estiver a serviço de interesses privados, os trabalhadores seguirão sofrendo com a ameaça das demissões em massa e a falta de um projeto estratégico que permita um desenvolvimento tecnológico, econômi-

co e soberano”, disse.

“São os trabalhadores que produzem a riqueza da empresa, detêm todo o conhecimento científico e operacional da produção de aviões. São os únicos que têm interesse, de fato, em defender os empregos e no desenvolvimento do país. Existe uma necessidade de aviões comerciais de curta distância. Mas os interesses das multinacionais impedem a viabilidade da empresa. Os trabalhadores é que devem decidir os modelos de aeronaves e toda a produção. Para isso, a Embraer precisa ser reestatiza-

da, com controle 100% estatal e sob a direção dos trabalhadores”, afirmou.

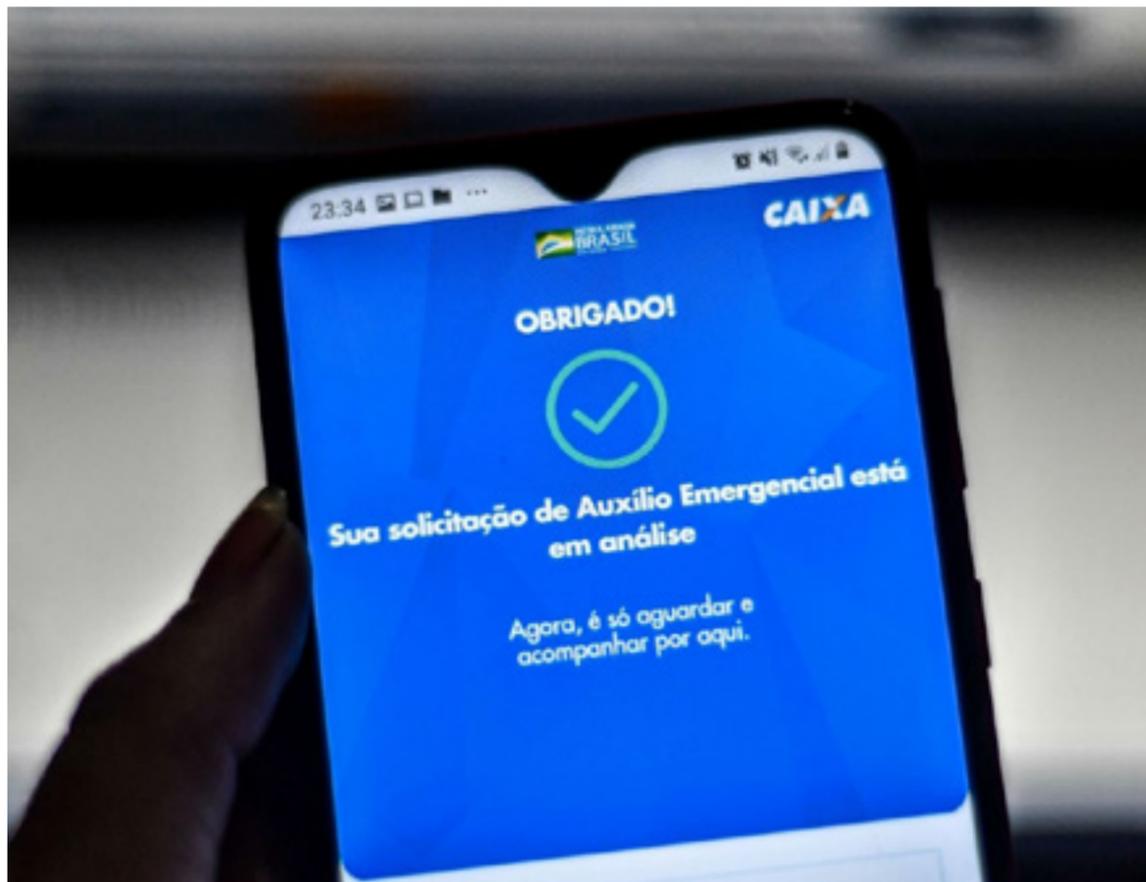
O dirigente agregou ainda que é necessário fazer uma grande campanha nacional pela reestatização da Embraer. “A luta pelo emprego não apenas da Embraer, mas de todos os trabalhadores da cadeia produtiva do setor aeronáutico, somente pode ser garantida pela reestatização. Convocamos todos os sindicatos do país, as centrais sindicais e os partidos que defendem a soberania nacional a se engajarem nessa campanha”, concluiu.



Manifestação pela reestatização da Embraer organizada pelo Sindimetal de São José dos Campos

PAGA JÁ!

# Bolsonaro enrola pagamento de auxílio emergencial



 DA REDAÇÃO

**H**umilhação. Esse tem sido o sentimento dos trabalhadores que até agora não receberam o auxílio de R\$ 600 do Governo Federal. Depois de aprovado o benefício, Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, enrolaram durante dias para efetivá-lo. Em seguida, disseram às pessoas que baixassem um aplicativo da Caixa Econômica Federal e fizessem um cadastro. Foi aí que Pedro Duarte Guimarães, o irresponsável que é presidente da Caixa, chutou que 20 milhões teriam acesso ao benefício. Errou

feio e mostrou que nem ele nem ninguém do governo sabem alguma coisa sobre a realidade social brasileira.

## INVISÍVEIS PRA BURGUESIA

Na verdade, o número de trabalhadores informais que buscam receber o auxílio emergencial de R\$ 600 deve ultrapassar os 70 milhões – isso representa cerca de 40% da população em idade ativa no país, de 172 milhões, segundo dados do IBGE. Como são informais, sem carteira assinada, foram apelidados pela burguesia brasileira como “invisíveis” segundo o ministro Guedes. Mas esse contingente de “invisíveis” representa um terço do país e

equivale a seis vezes o número de habitantes de Portugal e 20 vezes o do Uruguai.

## GOVERNO NÃO PAGA

Já faz quase 40 dias que o governo está enrolando para pagar. Milhares de trabalhadores ainda estão em fase de análise. Outros tantos até foram aprovados no cadastro, mas não conseguem receber. O resultado é que, em plena pandemia, as pessoas têm de ir às agências bancárias para tentar receber, porque já falta comida na mesa. Assim, amontoam-se em filas e correm o risco de contrair o vírus.

“Cheguei às seis horas, já tinha muita gente na fila. Como o aten-

dimento será até as duas horas, foram distribuídas senhas. Muita gente não conseguiu, incluindo eu. Aí começou uma revolta das pessoas que não conseguiram o atendimento. Fecharam a Estrada do Coco. A população está revoltada. É muita humilhação para receber o auxílio. E também muita desorganização”, conta o vendedor ambulante Carlos Antônio Souza. Ele vende lanches no Centro do município de Lauro de Freitas (BA), região metropolitana de Salvador, mas o comércio está fechado por causa da pandemia. Seu cadastro foi aprovado, mas ainda não conseguiu receber. A Estrada do Coco é a principal avenida da cidade e foi fechada com pedras, paus e lixo durante toda a manhã do dia 2 de maio.

Revolta similar foi vista no Espírito Santo. Depois que uma agência da região de Vila Velha não abriu, as pessoas que buscariam o benefício se irritaram e atearam fogo em objetos na rua em frente a uma agência da Caixa Econômica Federal.

## PASSANDO NECESSIDADE

No ABC paulista, a trabalhadora M., que prefere não se identificar, mãe de família, moradora do bairro Itaparque, na cidade de Mauá, relata que apenas uma parte dos moradores de sua rua receberam os R\$ 600. “Tem muita gente passando necessidade e o dinheiro não vem. Isso é covardia”, diz.

Ela conta que, quando alguém recebe o dinheiro, vai comprar comida imediatamente. “Tem muitos que moram em uma casa pequena com a mãe, filhos, netos e

irmãos que estão desempregados com contrato suspenso, sem ter de onde tirar dinheiro”, explica. “Quando um morador da rua recebe o dinheiro, sai gritando ‘Saiu! Saiu!’. É uma alegria só. Mas sabemos que é muito pouco e não dá pra pagar o que se deve, continuamos passando dificuldades”, diz.

Aline, do movimento Luta Popular e moradora da Ocupação Queixadas, em Cajamar (SP), gravou um depoimento com extrema indignação. Ela conta que sete vizinhas suas tinham o recebimento do Bolsa Família e do auxílio emergencial confirmado, mas não receberam. “O que eu tô falando aqui é indignação. Cadê o nosso auxílio que tá em análise? Pra mãe que tá esperando pra dar o mingau e o leite do seu filho, isso dói. Por mais que qualquer um possa ter recebido o seu, tá faltando dez, vinte que não receberam. O Luta Popular tá aqui ajudando pai e mãe de família que o Bolsonaro tá humilhando. Minha vizinha não tinha nem feijão pra comer. Minha outra também. Cadê nossa renda?”, questiona.

## INFLAÇÃO

Enquanto aguardam pelo auxílio emergencial que nunca vem, os preços dos alimentos dispararam. “Os preços dos alimentos aumentaram muito. Para se ter uma ideia, o preço do ovo era R\$ 30 noventa ovos. Hoje está 30 ovos por R\$20. Os preços do arroz e do feijão estão pela hora da morte, o leite de caixinha nem é bom falar. Subir no momento em que estamos sem dinheiro, é muita covardia”, explica M.

## EXEMPLO

# Solidariedade ativa e auto-organização

Enquanto Bolsonaro abandona os pobres à morte, a própria população toma iniciativas de auto-organização em suas comunidades. O movimento Luta Popular tem distribuído alimentos e máscaras em várias ocupações país afora. M. explica que em sua rua os moradores estão

organizados para ajudar quem está em dificuldade. “Eu e outras mulheres estamos costurando máscaras e dando sabonete, daí trocamos por alimentos, com esses alimentos fazemos cesta básica, marcamos um ponto e entregamos para os que estão passando necessidade”, diz.

Esses são exemplos que devem ser seguidos. Esta organização precisa avançar e discutir a fundo medidas que coloquem em xeque o sistema capitalista que mata a população pobre enquanto dá trilhões aos grandes empresários e banqueiros.



CAPITALISMO E CORONAVÍRUS

# Um novo capitalismo é possível?



**RICARDO AYALA,**  
DE SÃO PAULO (SP)

**A** propaganda burguesa mente quando diz que o vírus atinge todas as classes sociais da mesma forma. O desemprego aumenta de forma vertiginosa, e os trabalhadores autônomos perdem o sustento de cada dia. Cenas de barbárie são transmitidas pela TV, corpos empilhados, gente morrendo na porta dos hospitais. Enquanto isso, o maior acionista da Amazon, Jef Besos, acrescentou US\$ 26 bilhões à sua fortuna durante a pandemia. Agora ele é o sujeito mais rico do mundo. Para gente de sua classe, não faltam leitos de UTI.

Essa irracionalidade está presente não só em tempos de pandemia. Agora o capitalismo se revela como ele é: um sistema social que se alimenta da morte. O bilionário ficou mais bilionário como consequência direta da morte de mais de cem

mil pessoas até agora.

A segunda grande lição é que são os trabalhadores que constroem todas as riquezas no mundo capitalista. Por isso as empresas não podem parar. A eles, o capitalismo reserva nada mais que a escravidão assalariada e a morte.

Mesmo com esse choque na vida e na consciência do proletariado, a propaganda burguesa promete um “novo capitalismo” depois da pandemia, com mais intervenção do Estado. Os partidos reformistas, como carpideiras, anunciam “a morte do neoliberalismo”, afirmando que podemos ter uma vida digna sob esse sistema.

#### **A CASA-GRANDE DESCONHECE O NÚMERO DE SEUS ESCRAVOS**

O presidente da Caixa, em entrevista coletiva, disse estar perplexo com a quantidade de pessoas que estão tentando receber os míseros R\$ 600. Diante do colapso premeditado do sistema de informática

da Caixa, planejado para atender a uma demanda de 20 milhões de pessoas, reconheceu que os pedidos podem chegar a 50 milhões.

Se esse digno representante da escravocrata classe dominante brasileira tivesse lido o Anuário do Ilaese, saberia que os pedidos podem chegar a mais de 77 milhões de pessoas, dívidas entre desempregados e subempregados, isso antes da pandemia. Escravos que devem se virar como podem para levar o pão de cada dia para suas famílias. Se acrescentarmos o desemprego atual, não seria surpresa se cem milhões de pessoas perdessem sua renda.

Segundo o próprio FMI, não estamos somente diante de uma queda brutal nos lucros de algumas empresas. Com um desemprego estimado de 56 milhões de pessoas na União Europeia, a catástrofe atinge não somente o coração do imperialismo – Estados Unidos e Europa Ocidental –, mas será ainda mais brutal

nos chamados países pobres. A conclusão imediata: a desigualdade entre os países e no interior dos países aumentará.

#### **“E DAÍ?”**

Para a grande burguesia, a catástrofe social é somente um detalhe. Vai morrer gente, mas “e daí?”, no Brasil sobra força de trabalho. O grande problema para eles é se essa catástrofe social produzir um choque na consciência do proletariado, se preparar as grandes batalhas.

Por isso, a campanha pela “unidade nacional” – “todos juntos contra o vírus” – ganha a imprensa. Preocupado com a frágil posição do imperialismo dos Estados Unidos, epicentro da pandemia, Henry Kissinger, ex-secretário de Estado (1973) e da Segurança Nacional (1969) deste país, notório assassino de vietnamitas, articulador do golpe de Augusto Pinochet no Chile, falou sobre as dificuldades para enfrentar esta crise: “Agora, como em 1944, há uma sensação

de perigo incipiente, direcionado não a qualquer pessoa em particular, mas atacando aleatoriamente e com devastação. Mas há uma diferença importante entre esse tempo distante e o nosso. A resistência americana foi então fortalecida por um objetivo nacional final. Agora, em um país dividido (...) Manter a confiança do público é crucial (...)”

Kissinger escreveu isso antes que Trump mandasse os americanos ingerir detergente e água sanitária para combater a COVID-19. Mas a campanha do imperialismo vai além de detergentes. De Kissinger ao FMI, passando pelos principais jornais e revistas imperialistas e pela imprensa brasileira (com o Solidariedade S.A., do Itaú-Globo), todos desenvolvem uma forte campanha ideológica. Alguns prometem um “novo capitalismo mais humano” pós-pandemia.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://BIT.LY/2W7HQPV](https://bit.ly/2w7hqpV)

**ESTADO É PARA SALVAR CAPITALISTAS**

## O falso debate sobre mais ou menos “Estado”

Um dos porta-vozes do capital financeiro, o Financial Times diz: “Reformas radicais – invertendo a direção política predominante nas últimas quatro décadas – precisarão ser colocadas na mesa. Os governos terão de aceitar um papel mais ativo na economia (...) a redistribuição estará novamente na agenda.”

Com a dinheirama distribuída aos bancos para que irriguem a economia e realize a magia redistributiva do Financial Times, o ministro da Indústria britânico deu uma ordem bem assertiva: “Seria totalmente inaceitável (...) se os bancos rejeitarem empréstimos (...) para as boas empresas.”

Então, o novo capitalismo funcionaria assim: o Estado enche os bancos de grana, e os bancos emprestam essa grana para as empresas se, e somente se, essas empresas forem “boas”. Por “boas”, devemos entender as empresas que possam explorar seus trabalhadores, gerar lucro suficiente para o capitalista e para os juros do banco. Caso não possa dividir a exploração dos trabalhadores em lucros e juros, essa empresa não seria boa.

Opa! Mas não é assim que funcionava antes da pandemia? Em tempos de crise, há outra leitura sobre as boas empresas que se resume à pergunta: quem sobreviverá? E o lambe-botas não entendeu bem o recado: agora o Estado deve en-

trar com tudo para assegurar as relações sociais capitalistas.

Intervenção estatal e liberalismo são duas faces da mesma moeda, a moeda da acumulação de capital. A demanda por emprego de economistas liberais e de estatistas nos governos dança de acordo com a necessidade do ciclo político e econômico do capitalismo. O estatistas investem a grana do Estado, e os liberais dizem que o Estado cresceu e deve entregar a empresa para a livre iniciativa, num jogo de cartas marcadas.

**QUEM VAI PAGAR A CONTA**

Esse jogo é pesado, porque nem todos sairão vivos. Na recessão aberta em 2007, a General Motors, um dos símbolos do capitalismo dos EUA, estatizou seus prejuízos e por isso não fechou as portas. Provavelmente a Tesla, produtora de carros elétricos, teria preferido que a GM fechasse as portas. A quem se destinará a derrama de dinheiro sem juros para aguentar a profunda queda nos lucros? A resposta abrirá uma luta de morte entre os grandes monopólios. A conta será paga em primeiro lugar pelo proletariado e pelos pequenos e médios negócios.

Em tempos de COVID-19 e China, liberais e estatistas dirão que não importa a cor do gato, desde que cace os ratos. Assim, o ultraliberal presidente francês Emmanuel Macron

soltou essa: “Existem bens e serviços que devem ser colocados fora do mercado.” O capitalismo mais humano no qual alguns setores ficam de fora do processo de acumulação do capital também foi visto depois da grande depressão de 1929. Toda a teoria econômica liberal foi para as cucuias, e o Estado entrou para assegurar a acumulação capitalista com seus planos de resgate das empresas.

O mais famoso foi o New Deal impulsionado pelo presidente estadunidense Franklin Roosevelt, pelo qual o Estado não só financiou empresas, como atuou no investimento direto, construindo suas próprias empresas para impulsionar a acumulação de capital no conjunto do sistema.

A crise de 2007 não obrigou o Estado a esse nível de intervenção. Ele comprou as ações da GM e limpou os prejuízos dos bancos. Agora, o Financial Times diz que as regras do jogo mudaram. A intervenção do Estado burguês terminou com os 85 milhões de mortos na Segunda Guerra Mundial. Em seguida, o período liberal conviveu perfeitamente com os 20 milhões de mortos das revoluções pela libertação das colônias destes escravistas.

O que interessa ao proletariado no próximo período não é se o Estado vai ou não intervir para impulsionar a economia, mas sim a serviço de quem está o Estado.

**QUE REVOLUÇÃO É ESSA?**

## Neoliberalismo e revolução solidária

Quando o capitalismo mostra sua verdadeira face, a principal tarefa das organizações que defendem o socialismo é contribuir para que o proletariado possa transformar o choque da catástrofe numa luta consciente. Em última instância, é a luta pela superação do capitalismo.

Essa luta é contra a propaganda burguesa também, que frente à barbárie promete um novo capitalismo. Nós propomos auto-organização. Em que pese os inúmeros embriões de auto-organização dos bairros populares para minorar os efeitos da pandemia, demonstrações incríveis de solidariedade, ela deve caminhar com passos mais firmes. Entender a necessidade da auto-organização para superar o Estado burguês e a propriedade privada será o grande desafio do próximo período.

Nessa batalha, causou-nos perplexidade o artigo “Por uma revolução solidária”, de Guilherme Boulos e Luiza Erundina. O ex-candidato a

rios à vida. Podemos até lutar pela estatização de uma empresa contra o imperialismo, mas isso não se confunde com o nosso programa, que é a expropriação da propriedade privada e o controle pelos trabalhadores.

Como a superação do neoliberalismo parece que será o próprio sistema que talvez mude para nada mudar. Como Boulos integra um partido que se diz socialista, talvez tenha ficado sem bandeira. Então tira da manga uma revolução. Em suas palavras, o “momento exige uma revolução solidária”.

Revolução é ruptura e superação. Sem indicar nenhuma ruptura com nada, a revolução proposta por Boulos parte da premissa de que “hoje, podemos dizer que estamos ‘condenados’ a ser solidários. Para sobreviver, precisamos contar uns com os outros...”

Não é de hoje que o capital conta com a força de trabalho para gerar seus lucros numa relação nada solidária.

“*Como a superação do neoliberalismo parece que será o próprio sistema que talvez mude para nada mudar.*”

presidente pelo PSOL afirma que “as tragédias têm o poder de nos colocar diante de nossas escolhas como sociedade”. Mas a qual escolha se refere Boulos?

Para ele, não é o capitalismo que empurra a humanidade para catástrofes – seja a pandemia, seja a catástrofe climática. Em sua opinião, a superação do neoliberalismo é a única escolha possível. De capitalismo, não fala. Fala em transitar para um novo modelo que permita ao Estado burguês realizar investimentos.

Os socialistas não são simples estatistas. Toda nossa luta se resume à auto-organização dos operários e das massas populares para que controlem a produção e a distribuição dos bens necessá-

No mundo invertido do capitalismo, a palavra solidariedade se massifica, enquanto reina o desespero das famílias nas cidades brasileiras.

O vírus revela a miséria da qual padece a maioria da população e a miséria moral dos meios de comunicação, que tentam vender que há esperança sob o capitalismo, transmitindo uma odiosa propaganda “Solidariedade S.A.” Querem demonstrar como os senhores tratam bem os escravos da “casa”. Atuam no sentido que diz o poeta, para manter preso o “olhar que solta”. E esse olhar é a consciência de que o mundo capitalista é uma imensa máquina de destruição da humanidade. A luta pela consciência é liberar “o olhar que solta”.

NOITE DO MOLOTOV

# Em meio à pandemia, explode revolta contra a miséria no Líbano

 DA REDAÇÃO

**O** Líbano vive dias de fúria. No dia 29 de abril, pelo menos 12 bancos foram destruídos e incinerados após o que foi chamado de a “Noite do Molotov”, em referência à famosa arma incendiária de manifestações. O confronto entre policiais e membros da população ocorreu durante toda a madrugada. Os protestos são contra a crise econômica e as medidas do governo do Líbano e tomaram as cidades de Beirute, Sidon, Nabatieh, Bekaa, Trípoli e Akkar. Em Sidon, a principal agência bancária local foi atingida por mais de dez bombas de gasolina sob aplausos da multidão.

A crise econômica vem provocando a revolta da população. Desde o início do ano, a libra libanesa se desvalorizou em 60% devido a medidas bancárias e governamentais que privilegiam moedas estrangeiras, com o controle do fluxo de capitais no país. Como resultado, a pobreza no Líbano já tomou metade da população, e a taxa de desemprego já era de 46% no início do ano.

## REVOLTA EM OUTUBRO

Em 17 de outubro do ano passado, um levante de massas sacudiu o país. O governo libanês anunciou a cobrança de tarifas



de US\$ 0,20 por dia sobre ligações feitas por aplicativos como o WhatsApp.

Foi o estopim para a maior mobilização de massas desde 2005, quando as tropas sírias tiveram de sair do país após 29 anos de ocupação. Na época, muitas palavras de ordem faziam referência às revoluções árabes: “O povo quer o fim do regime”, “Re-

volução, revolução, revolução” e “O povo libanês é um só”.

## PANDEMIA

A situação se agravou com a pandemia da COVID-19 que já levou à morte de 25 pessoas no país. Segundo o ministro de Assuntos Sociais, Ramzi Mousharafieh, mais de 75% da população precisa de auxílios estatais, mas eles não são oferecidos. Foi anunciando que haveria distribuição de um bônus de US\$ 100 pelo Estado aos pobres, mas isso nunca se concretizou por causa da dureza do governo e de seu plano econômico. Por essa razão, o conteúdo da revolta é abertamente de luta de classes, contra as elites privilegiadas, expresso no levante de outubro.

Toda essa crise aumentou após um despacho do Banco Central do Líbano determinar a proibição de saques em dólar de contas estrangeiras ou transferências internacionais. A decisão levou manifestantes de volta às ruas a despeito da ordem de isolamento total determinada pelo governo diante da crise causada pelo novo coronavírus. Os manifestantes protestaram contra o

declínio da economia e das condições de vida no país. Foi um grito de desespero.

“As pessoas estão muito, muito desesperadas. O que aconteceu ontem foi uma reação genuína à desesperança, frustração e dor que as pessoas sentem. (...) Não é uma dor normal. É a dor de quando você está com fome, com raiva e triste por não poder mais pagar o aluguel e não poder comer”, disse um manifestante à CNN. A reportagem da emissora ainda fala que há pessoas escavando o chão à procura de comida.

## “ELES ESTÃO ATIRANDO EM NÓS PARA PROTEGER OS POLÍTICOS”

Na segunda-feira, 27 de abril, um veículo militar foi incendiado em Beirute. Ao mesmo tempo, a repressão do Exército aumenta em ritmo acelerado. A resposta militar foi brutal. Houve disparos com munição letal, matando um manifestante de 26 anos, ferindo outros 30 e fazendo inúmeras prisões.

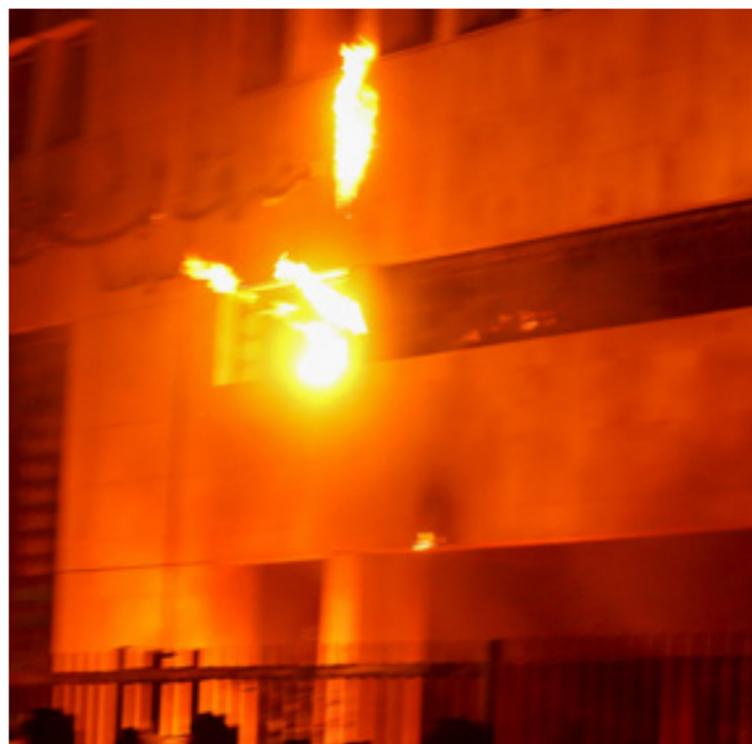
“Eles estão atirando em nós para proteger os políticos”, afirmou uma mulher em entrevista à Al Jazeera. Na noite seguinte,

vieram os molotovs contra os bancos. Enquanto isso, a população batia painéis nas janelas como sinal de apoio aos manifestantes.

## RECEITUÁRIO DO FMI

O governo fez um pedido de ajuda internacional ao FMI para salvar bancos e o Estado. A medida foi apoiada por todos os partidos sectários e, inclusive, por Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah. Em contrapartida, o fundo exigirá a redução do déficit público, o aumento do preço da energia e a sua privatização total, o que vai aumentar ainda mais a pobreza.

Nos campos de refugiados, nos quais centenas de milhares de palestinos e sírios vivem em condições precárias, com pouca ventilação e superlotação, a situação também é dramática. Além da discriminação e das restrições habituais, há casos confirmados ou suspeitos de COVID-19. É o prenúncio de uma tragédia. A revolta libanesa é a primeira desde o surto de coronavírus. Outras revoluções certamente seguirão esse exemplo. Prenúncio de novos levantes contra a fome e pela vida.



## BOLSONARO DEFENDE AGRESSORES

## Bolsonaristas agredem enfermeiras e repórteres

No dia 1º de maio, enfermeiros e técnicos de enfermagem realizaram uma manifestação silenciosa na Praça dos Três Poderes, em Brasília, em defesa do SUS e por melhores condições de trabalho. Enquanto os profissionais da saúde empunhavam cruces representando os trabalhadores mortos pela COVID-19, um homem com uma camiseta verde e amarela investiu de forma agressiva contra eles agredindo e xingando.

O Uol levantou que o bruto que agride os profissionais de saúde é Renan da Silva Sena, bolsonarista empregado no Ministério dos Direitos Humanos, de Damares Alves. Seu cargo é o de “analista de projetos do setor socioeducativo”,



mas segundo a reportagem, ele não aparece no serviço desde maio alegando estar doente.

Bolsonaro não só não repreendeu a agressão, como prestou apoio ao seguidor. “Se houve agressão, foi verbal, o que eles fazem o tempo todo conosco”, declarou.

No dia 3 de maio, vários repórteres foram agredidos por bolsonaristas enquanto co-

briam o ato pró-ditadura que ocorria em frente ao Planalto, com a presença do próprio Bolsonaro. O fotógrafo do Estadão Dida Sampaio foi empurrado, sofreu socos e, já no chão, pontapés da turba ensandecida.

Essas agressões cada vez mais recorrentes colocam a necessidade não só do repúdio, mas de medidas de autodefesa contra agressões fascistas.

## ACONTECEU



## 1º de Maio em meio à pandemia

O novo coronavírus e as medidas de confinamento não impediram que no Dia do Trabalhador ocorressem protestos e manifestações ao redor do mundo. A diferença foi que as tradicionais manifestações de rua foram substituídas por protestos virtuais ou caseiros.

Na França, faixas e cartazes foram fixados nas janelas. Na Indonésia, faixas também foram colocadas. No Paquistão, em Portugal e na Grécia, chegaram a ocorrer manifestações de rua, mas com um rígido distanciamento entre os manifestantes. Entre as reivindicações, estavam a luta pelo emprego, contra as demissões e os cortes nos salários, contra os ataques à classe trabalhadora desferi-

dos pela burguesia e os governos no mundo inteiro.

No Brasil, enquanto Lula confraternizava com Witzel na live da CUT, a CSP-Conlutas realizou um ato virtual classista e independente. A LIT-QI também marcou presença com seu ato nas redes sociais, defendendo o socialismo contra a barbárie capitalista.

## VEJA MAIS



CLIQUE NO QR CODE  
VEJA O VÍDEO  
DALITAQUI.

## LEIA AQUI



CLIQUE NO QR CODE  
VEJA O ATO DO 1º DE  
MAIO NO BRASIL AQUI

## PEDE PRA SAIR

## Raí critica Bolsonaro

O ex-jogador e atual dirigente do São Paulo Raí criticou a postura genocida de Bolsonaro numa entrevista ao Globo Esporte. Sendo bastante cuidadoso com as palavras, o irmão de Sócrates chamou o posicionamento de Bolsonaro de “atabalhoado”. “Ele está no limite, muitas vezes, da irresponsabilidade, quando ele vai contra todas as recomendações da Organização Mundial de Saúde”, disse. Bolsonaro pressiona para a volta dos clubes de futebol às atividades, mesmo em meio à pandemia.

Sobre a saída de Bolsonaro, Raí disse o seguinte: “Se perder a governabilidade, eu torço e espero uma renúncia para evitar o processo de impeachment, que sempre é traumático. Porque o foco tem que ser a pandemia. Não é uma coisa que tem de se pensar agora, energia nenhuma pode ser gasta nisso, mas se estiver prejudicando ainda mais essa crise gigantesca de saúde, sanitária, tem que ser considerado.”

A fala absolutamente “co-



Casa Grande defende Raí contra os ataques do mauricinho Caio.

medida” desagradou o dublê de comentarista de futebol, o almofoadinho Caio Ribeiro, que criticou Raí por falar de política. Além de ex-jogador do clube, Caio é filho de um conselheiro do São Paulo que faz oposição a Raí. Mas, é óbvio, isso ele não disse.

Quem colocou o playboy em seu lugar foi o grande Casa Grande. “Ninguém pode querer censurar a fala do outro e determinar qual o assunto que se pode falar. Isso, no meu entender, é antidemocrático. Enfim, o Raí representou com orgulho o seu irmão, Sócrates”, disse.

ALDIR BLANC

# “Glória a todas as lutas inglórias”



JEFERSON CHOMA,  
DA REDAÇÃO

A pandemia levou um dos maiores compositores da nossa história. Aldir Blanc Mendes (1946-2020) nos deixou no dia 4 de maio. Essa perda é mais que uma fatalidade: é o triste retrato de um vírus que se alastra sem controle, sob o arbítrio de uma política genocida do governo que propaga o ódio, o obscurantismo e flerta de forma perigosa com o autoritarismo.

Carioca, Aldir Blanc tomou contato com a música ainda muito jovem garimpando os velhos discos da família, o que permitiu uma ligação musical com outras gerações de cantores e compositores que iam de Noel Rosa, o sambista da Vila Isabel, até vozes que faziam sucesso na Rádio Nacional. Frequentou escolas de samba, mergulhou na boemia do Rio de Janeiro e participou do MAU (Movimento Artístico Universitário) ao lado de jovens artistas como Ivan Lins e Gonzaguinha.

## DUPLA HISTÓRICA

Certamente, há alguns momentos clássicos de parceria da nossa



Galos de Briga é o terceiro álbum de João Bosco e Aldir Blanc, lançado em 1976

música. Um desses momentos raros foi quando Aldir conheceu o mineiro João Bosco no início dos anos 1970, um jovem violonista da época, que buscava um letrista para suas canções. Aquela amizade e parceria mudaria a história da nossa música. Sem falar que foi um retrato do Brasil daqueles tempos. Eram os piores anos da ditadura que, sob o comando do general Médici, torturava e matava qualquer um que ousasse se opor ao regime.

Quando Aldir resolveu viajar para Ouro Preto e por lá encontrou João, apresentou a letra de “Agnes Sei”. Essa, que foi a primeira canção da dupla, não igno-



Aldir Blanc (esq) com seu parceiro João Bosco (dir).

rava a realidade do país. O protesto estava ali, nas entrelinhas, como não poderia deixar de ser, para fugir da censura: “Ah, como é difícil tornar-se herói / só quem tentou sabe como dói”; “Mas ovelha negra me desgarrei / O meu pastor não sabe que eu sei / Da arma oculta na sua mão”.

## CRÔNICAS DE UM PAÍS QUE DESPERTAVA

Em 1972, a canção foi escolhida para ser gravada numa promoção do jornal O Pasquim num compacto simples. De um lado, estava Tom Jobim com “Águas de Março”. Do outro, a canção dos desconhecidos João Bosco e Aldir Blanc. Daí por diante foi uma enxurrada de sucessos. Não demorou para que a maior intérprete da época, Elis Regina, escolhesse algumas canções da dupla que ficaram definitivamente imortalizadas na sua voz. Na ocasião, Elis chegou a comentar que pensava em parar. Mas mudou de ideia quando conheceu Aldir e Bosco: “Sempre achei que a função de um artista fosse a de relatar sua época com a maior sinceridade possível. É exatamente esse trabalho que os dois vêm fazendo. Uma obra dura, pensada, sem nada de circunstancial”, disse.

E era isso mesmo. Entre as muitas canções – muitas delas gravadas por Elis –, estavam crônicas de um país que despertava

contra uma ditadura sanguinária, mesclada com o registro do cotidiano dos moradores dos subúrbios cariocas e seus personagens, a paixão popular pelo futebol (“Tá lá o corpo estendido no chão / Em vez de rosto a foto de um gol”) e a nostalgia irônica dos velhos boleros tocados em bailes juvenis, como em “Dois pra lá, dois pra cá”.

## “NÃO ESQUECEREMOS JAMAIS”

Com “O mestre-sala dos mares”, Aldir também faz uma homenagem a um herói do povo brasileiro condenado pela história oficial às catacumbas do esquecimento: Antônio Cândido, líder da Revolta da Chibata. Pede “Glória / a todas as lutas inglórias / que através da nossa história / não esquecemos jamais”. Já “Kid Cavaquinho” é um desses sambas que dificilmente alguém deixa de cantar seus versos até o fim: “Oi que foi só pegar no cavaquinho / Pra nego bater”.

## “A FOME E A RAIVA É COISA DOS HOME”

Com “O ronco da cuíca”, cujo início é marcado pela eufórica batucada das arquibancadas de futebol, ousava mandar o recado para os “home” de farda militar. “A raiva dá pra parar, pra interromper / A fome não dá pra interromper / A raiva e a fome é coisa dos home / A fome tem que ter

raiva pra interromper / A raiva e a fome de interromper / A fome e a raiva é coisa dos home / É coisa dos home / A raiva e a fome.”

Em 1979, a dupla compôs aquela que se tornou a canção

regime odioso.

“Nós simplesmente fazemos música. Os outros é que analisam”, dizia modestamente Aldir, que sempre recusou a pecha de etéreo e boêmio. Dizia



Que sonha com a volta do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete / Chora A nossa Pátria mãe gentil / Choram Marias e Clarisses / No solo do Brasil...” (O Bêbado e a Equilibrista, composta por João Bosco e Aldir Blanc). Dom Paulo Evaristo Arns consola Clarice Herzog, viúva de Vladimir Herzog assassinado pela ditadura, em culto ecumênico, em 31/10/1975.

síntese da luta pela anistia: “O Bêbado e a Equilibrista”, novamente imortalizada na voz de Elis. Repleta de críticas à ditadura e seus covardes torturadores, dolorosas lembranças de gente assassinada ou que foi obrigada a deixar o país “num rabo de foguete”, a letra, ao mesmo tempo exalta uma “esperança equilibrista” para o fim daquele

que era apenas mais um trabalhador. “Somos uma classe trabalhadora como qualquer outra. Como eu habito uma casa que outro construiu e visto uma roupa que outro fabricou, espero que as pessoas cantem o trabalho da gente.”

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/3BGQECT](https://bit.ly/3BGQECT)